

INDÍCIOS UTILIZADOS POR EDUCADORES PARA AVALIAR O PROCESSO DE INSERÇÃO DE BEBÊS EM UMA CRECHE¹

Caroline Francisca Eltink (FFCLRP - Universidade de São Paulo)

Quando a criança começa a freqüentar a creche...

Este trabalho pretende abordar, inicialmente, alguns dos aspectos presentes no processo de inserção de uma criança menor de dois anos em creche, para, em seguida, apresentar e discutir alguns dos indícios (sinais, pistas) observados e utilizados por educadores de berçário para avaliar se uma criança esta bem na creche ou não. Estes indícios aqui apresentados são o resultado de uma pesquisa desenvolvida recentemente, a qual colabora com o desenvolvimento de novos conhecimentos, e, conseqüentemente, com a melhoria na qualidade do atendimento infantil desta faixa etária.

Por ser um fenômeno recente em nossa sociedade, o atendimento de crianças pequenas em creches ainda gera controvérsias e incertezas em torno do assunto, envolvendo em discussões vários segmentos da sociedade, incluindo legisladores, pesquisadores e profissionais que trabalham em creches.

Antes mesmo de começar a freqüentar a creche, o bebê encontra-se inserido em um ambiente social e cultural, no qual circulam significações diversas (ROSSETTI-FERREIRA, AMORIM e SILVA, 1999). Suas ações e reações são recortadas e interpretadas pelo adulto, que as significa e reage em função destas significações, fazendo com que no decorrer de seu desenvolvimento o bebê vá se constituindo como pessoa integrante daquela cultura.

Quando o bebê começa a freqüentar uma creche, ele passa a entrar em contato com um novo meio, diferente do familiar. Ele conhece novas pessoas (adultos e crianças) e ambientes diferentes (VITORIA e ROSSETTI-FERREIRA, 1993). Dessa forma, passa conviver com outras pessoas diariamente, principalmente as educadoras por ele responsáveis, ampliando seu círculo social e o acesso a novas significações.

Tanto a família, quanto a creche proverão diferentes condições de desenvolvimento ao bebê, promovendo tipos diversos de interações e experiências. As concepções e práticas de cuidado/educação variam conforme as expectativas de cada um destes grupos têm em

¹ Agradecemos o apoio de FAPESP e CNPq.

relação à criança. Também são específicos de cada um dos grupos as pessoas envolvidas, o número de adultos e crianças presentes, os tipos de relações estabelecidas, as rotinas e horários.

Assim, quando a criança começa a frequentar uma creche, além de ampliar sua rede de relações sociais, ela passa a vivenciar uma nova rotina, com diferentes horários e práticas de cuidado/educação.

O bebê terá de enfrentar as primeiras separações da mãe (ou de algum adulto mais próximo da criança, como a babá, o pai, a avó, etc.), que passarão a ocorrer diariamente, provocando-lhe sofrimento, na criança e no adulto responsável.

Além disso, dependendo da faixa etária em que se encontra, a presença de um adulto desconhecido pode provocar no bebê reações de estranhamento e rejeição aos contatos deste adulto, no caso o educador. As reações da criança de podem dificultar o estabelecimento inicial de uma relação agradável, colaborando com o aumento do sofrimento na criança.

Também o educador sofre neste processo, pois ele sabe que precisa conquistar a criança para que ela pare de chorar. Com a redução do choro, ele consegue, indiretamente, demonstrar e convencer a família de que a criança pode ficar na creche, que ela está bem ao seu lado, ou seja, que os pais podem confiar nela.

A nova rotina também pode provocar estranhamento na criança, exigindo-lhe a aceitação de uma nova forma de ser alimentada, com novos horários, novos alimentos, espessuras diferentes de comida, ou ainda a necessidade de “adaptar-se” a um novo lugar para dormir, com outros horários e maneiras de se colocar para dormir e acordar, dentre tantos outros aspectos relacionados ao cuidado/educação das crianças.

As crianças podem, inclusive, estranhar as mudanças na maneira como as educadoras por elas responsáveis realizam os cuidados de higiene e saúde.

A entrada da criança na creche provoca modificações não apenas nela, que precisa se “adaptar” a todas estas mudanças, mas também os adultos envolvidos no processo modificam e são modificados ao longo do tempo.

É importante colocar que utilizamos *adaptação* e *não adaptação* entre aspas, pois acreditamos que não existe uma adaptação no sentido de uma acomodação, uma adequação ao novo. Diante das diferentes situações cotidianas enfrentadas somos obrigados a mudar

algo. Clara, uma das entrevistadas, quando questionada se as crianças já estavam adaptadas, define de modo interessante esta palavra:

“Eu acho que é uma eterna adaptação, porque cada dia você tem que se adaptar a alguma coisa nova que tá acontecendo, a uma fase nova da criança, a uma fase nova da gente mesmo, então eu acho que... eu não diria que, eu acho que até o último dia da criança você tem adaptação”.

O processo de adaptação é dinâmico e complexo, envolvendo vários processos inter-relacionados dinamicamente: o da criança, o da mãe, o da educadora, o da creche, o do grupo no qual a criança está inserida, o da família, dentre outros.

Contudo, optamos por utilizar o termo adaptação por ser o mais utilizado pelas educadoras investigadas, além de ser um dos mais divulgados e utilizados na literatura encontrada em relação ao assunto estudado.

O processo de “adaptação” provoca sofrimento nas pessoas envolvidas, mas, simultaneamente, também promove desenvolvimento. O bebê, por exemplo, tem a oportunidade de conhecer novas crianças, outros adultos, novas brincadeiras/jogos, vivenciar diferentes situações de passeio e de aprendizagem que não teria se permanecesse junto da família. O educador tem a oportunidade de conhecer novas crianças e famílias, trocar experiências com as mães, por exemplo.

Considerando-se as especificidades da faixa etária considerada, especialmente a dependência que os bebês têm em relação aos adultos e sua vulnerabilidade, oferecer uma inserção de boa qualidade é um passo importante para a conquista de um atendimento coletivo capaz de promover-lhe um desenvolvimento saudável.

Um serviço de boa qualidade, além de oferecer, está aberto à busca de novos conhecimentos, voltados para alcançar este objetivo.

Através desse trabalho pretende-se apresentar e discutir alguns dos resultados de uma pesquisa cujo objetivo era de conhecer melhor os indícios utilizados por educadores de creche para avaliar o processo de inserção de bebês menores de dois anos, colaborando assim com a busca de novos conhecimentos e a formação de outros educadores.

Optou-se por investigar educadoras que estavam envolvidas com o processo de inserção e que trabalhavam numa creche preocupada com a formação de seus funcionários, pois se acredita que elas estariam bem preparadas e mais sensibilizadas ao processo, estando mais próximas e familiarizadas com os detalhes presentes no mesmo.

Além disso, creche estudada investe na formação de seus funcionários há alguns anos, sendo que o processo de “adaptação” tem sido objeto de estudo há algum tempo na instituição.

Os participantes da pesquisa

A pesquisa apresentada, “Indícios utilizados por educadores para avaliar o processo de adaptação de bebês a uma creche” (ELTINK, 1999), é parte do projeto integrado “Processos de Adaptação de Bebês à Creche” que realizou uma ampla coleta de informações, tendo por objetivo registrar e analisar o processo de adaptação, considerando as crianças, suas famílias e as educadoras envolvidas.

Partindo da base de dados construída no projeto integrado, foram analisadas entrevistas feitas com seis educadoras, referentes a vinte crianças com idade entre 5 e 15 meses, do berçário de uma creche universitária localizada em Ribeirão Preto - SP.

Como já foi dito, esta creche investiu no estudo do processo de adaptação, e um dos resultados desta preocupação em buscar melhorias qualidade foi, além da formação das educadoras, a criação de um programa específico, voltado para a recepção das crianças e suas famílias nas primeiras semanas em que começam a freqüentar a creche, como poderá ser visto no quadro a seguir (Quadro1):

Quadro 1: Programa de procedimentos adotados pela creche durante o período de inserção das crianças no berçário.

1. Realização de uma <i>entrevista de matrícula</i> , possibilitando um primeiro contato entre educadores, técnicos e pais, e a troca de informações entre eles a respeito da criança.
2. <i>Reunião inicial com as famílias</i> , em grupo, com o objetivo de apresentar o funcionamento da creche e discutir os anseios dos pais em relação ao cuidado com as crianças.
3. <i>Procedimento de inserção</i> : A cada semana, seis crianças começam a frequentar o berçário, junto a uma figura familiar (com quem tenha uma relação afetiva), sendo duas de cada turma (Turma 1, Turma 2 e Turma 3), uma no período da manhã e outra à tarde, num processo gradativo de aumento no tempo de permanência na creche, e, alguns dias depois, de redução gradual do tempo permanência do acompanhante na sala, até a criança ficar o dia todo na creche sem o acompanhante.
4. <i>Apresentação da creche e/ou de vídeos aos acompanhantes</i> durante o período inicialmente programado para a adaptação.
5. Adoção inicial dos <i>costumes da família</i> (rotinas e modos utilizados na alimentação, sono, higiene...), e a gradativa promoção de mudanças naqueles <i>hábitos</i> , introduzindo-se os <i>modos de funcionamento e a rotina</i> adotados pela creche.

O grupo de berçário estava constituído por vinte e uma crianças, subdividas da seguinte forma:

Quadro 2: Distribuição do número de crianças e de educadoras nas três turmas do berçário

	Turma 1	Turma 2	Turma 3
Nº de meninos	4	4	6
Nº de meninas	3	2	1
Nº de educadoras	2	2	2
Faixa etária	5 a 11 meses	9 a 12 meses	11 a 15 meses

Cada turma tinha duas educadoras por eles responsáveis, uma no período da manhã e outra no da tarde.

A pesquisa apresentada analisou vinte e nove entrevistas semi-estruturadas, gravadas em áudio e transcritas, referentes às dez primeiras semanas das crianças na creche, e a um período subsequente à interrupção do atendimento devido a uma greve que durou 19 dias.

As entrevistas tinham por objetivo obter informações a respeito da inserção de cada criança e da turma (tanto nos primeiros dias, como nas semanas subsequentes); da relação da criança com a mãe, com o ambiente, com a própria educadora e com a rotina; além das expectativas das educadoras em relação ao período seguinte.

Destas entrevistas foram feitos recortes de trechos em que as educadoras referiam ou avaliavam o processo de inserção dos bebês à creche. Estes recortes foram agrupados em três conjuntos temáticos.

Os indícios utilizados

Desde as primeiras entrevistas realizadas as educadoras referiram tanto indícios de “adaptação”, como de “não-adaptação”, considerando-se os mais diversos aspectos do processo de inserção.

Avaliações positivas do processo de cada criança e do grupo foram observadas com maior frequência a partir da quarta semana do processo, havendo um aumento gradativo das mesmas com o tempo.

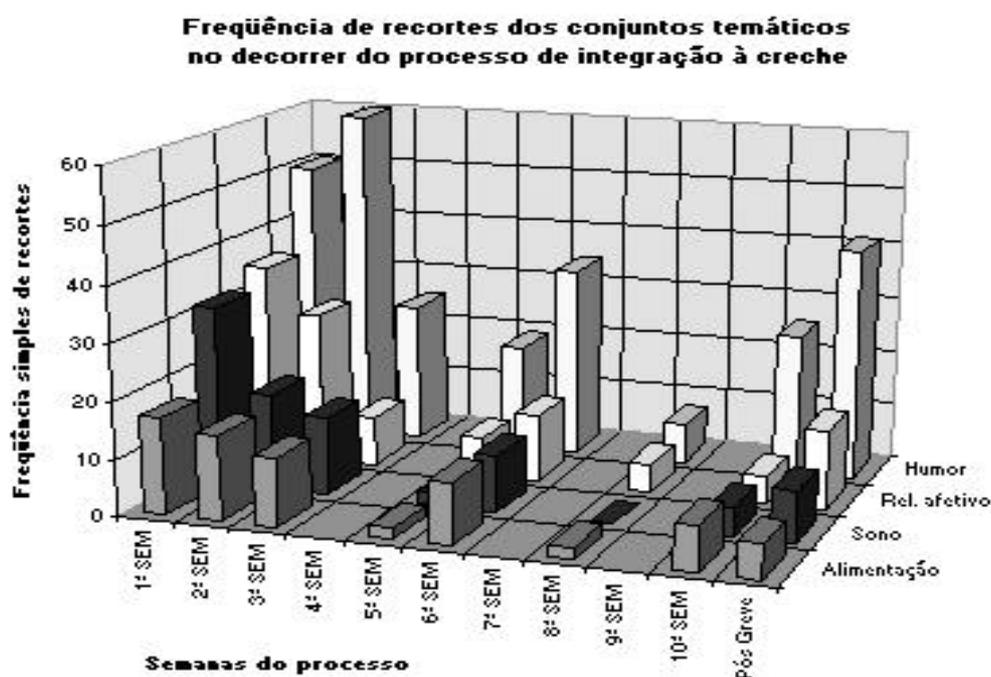
As educadoras rapidamente avaliaram algumas crianças como adaptadas, e outras não. Elas apontaram como um dos fatores que interferiram negativamente no processo das crianças em geral a ocorrência de feriados e finais de semana prolongados. No entanto, para surpresa dos pesquisadores e delas mesmas, a greve de 19 dias – ocorrida da décima primeira à décima quarta semana do ingresso –, que poderia ter provocado o mesmo efeito, não provocou. Segundo elas, as crianças não manifestaram as mesmas reações que tiveram no início do processo. É interessante notar que, quando a greve ocorreu, a maioria das crianças já estava há um mês na creche, e provavelmente elas já estavam mais familiarizadas com a rotina e com as próprias educadoras.

Para avaliar a inserção das crianças e da turma, as educadoras consideravam diversos indícios simultaneamente, que, para efeito de análise, foram agrupados em três conjuntos:

1. *Estado de humor;*
2. *Construção de relacionamento afetivo com a educadora;*
3. *Inserção na rotina da creche;*
 - 3.1. *Padrões de sono;*
 - 3.2. *Hábitos alimentares.*

Ao longo do processo houve uma variação no número e na frequência de recortes que continham estes indícios, como mostra a Figura 1:

Figura 1



Há uma maior incidência de recortes durante as três primeiras semanas ($n=204$, 55% do total) e sua redução ao longo do processo ($n=116$, 31% do total nas semanas restantes; e $n=51$, 14% do total no período pós-greve), demonstrando que, possivelmente, este é o período mais difícil para crianças, famílias e educadores.

No entanto, a própria distribuição das entrevistas no decorrer do estudo pode ter refletido no número de recortes, pois foram realizadas mais entrevistas no início da coleta e depois esta frequência diminuiu, com exceção do período pós-greve, quando a coleta de dados intensificou-se novamente.

Além disso, como pode ser vista na figura acima, em algumas semanas não foram feitas entrevistas devido a feriados, nos quais a creche não funcionou.

Um outro aspecto que pode ter interferido na variação da frequência de recortes ao longo do tempo foi a mudança na maneira como as educadoras avaliavam o processo, de modo a realizarem avaliações mais gerais e extensas do grupo de crianças ao longo do período estudado. Ou seja, no início elas centravam-se em cada uma das crianças, as quais ainda estavam conhecendo e tentando se aproximar. Com o passar do tempo, as diferenças e dificuldades existentes foram desaparecendo, não sendo mais necessário observar cada uma delas.

A seguir apresentaremos cada um dos conjuntos temáticos e alguns exemplos de recortes das entrevistas (todos os nomes são fictícios).

1. Estado de Humor

Maria_ (...) *Miudinha mas num pára. (...) ela gosta de ficar no chão mesmo. Não chorou, brincou com tudo o que ela tinha direito, foi, explorou todos os espaços.*

1ª semana do processo 1ª semana de VIRGÍNIA (8 meses) na creche

Mércia_ (...) *Ele tava muito... Foi no começo, logo no começo da semana, né. Sofrendo demais. (...). Que ele fala alto, ele grita, chora gritando, né?*

2ª semana do processo 2ª semana de RENATO (13 meses) na creche

O estar bem ou mal na creche, foi conjunto de indícios mais frequentemente referido pelas educadoras (70%). Ele compreende sinais que indicam se a criança está bem na creche, como: sorrir, rir, estar calma, estar alegre, brincar, etc. Também compreende aqueles que indicam que ela não está bem, como: chorar, ficar brava, não querer ficar, gritar, estar agitada, reclamar, ficar irritada, dentre outros.

O indício “chorar” é um dos mais referidos nas entrevistas, especialmente durante as três primeiras semanas do processo. Ele parece servir como importante referência para as

educadoras avaliarem como a criança está na creche, como manifestou a educadora Mércia, no exemplo acima, diante do choro de Renato (13 meses).

É importante lembrar que o choro é uma das primeiras linguagens da criança. Ele pode sinalizar dor, cansaço, irritação, fome, medo, desconforto, estranhamento, desejo da proximidade do adulto, dentre outras necessidades.

Quando as crianças começam a freqüentar a creche, as educadoras sentem dificuldade em compreender o que cada criança está sinalizando, interpretando o choro como um indício de que algo não vai bem. Com o tempo, elas começam a conhecer melhor cada criança, discriminando os diferentes tipos de choro de cada uma. Ao discriminar melhor os sinais de cada criança, as entrevistadas diminuem a referência ao choro enquanto um indício de “não adaptação”.

2. Construção de relacionamento afetivo com a educadora

Mirtes _ *Aí pra mim foi muito bom isso, então ela chegou e já se jogou pra mim, e pra mim foi uma surpresa "Ah não acredito!", sabe?*

1ª semana do processo 1ª semana de VERIDIANA (10 meses) na creche

Mércia_ *(...) eu sinto assim, ele é meio, meio bravo ele rejeita bastante a educadora, rejeita mesmo (...).*

1ª semana do processo 1ª semana de RENATO (13 meses) na creche

Esse tema aparece menos freqüentemente nas entrevistas (31%), porém quando referido as educadoras permanecem um tempo maior falando dos indícios relacionados a ele, o que mostra que elas estavam bastante envolvidas com a questão da aceitação do contato e até mesmo da construção de um vínculo com a criança (e a família).

Este conjunto contém indícios que, por um lado, demonstram que a criança não está aceitando seu contato, tais como: reagir contra sua aproximação, agarrar na mãe, chamar pela mãe, fugir da educadora, não aceitar seu contato. Por outro lado, também inclui sinais que as levam a acreditar que um relacionamento afetivo está sendo ou já foi construído, tais como: aceitação do colo da educadora; aceitação de sua aproximação; reações de protesto à separação dela; busca de proximidade; reações de estranhamento a sua ausência.

Dentre esses indícios, a aceitação e a solicitação do colo aparecem como os sinais mais importantes para as educadoras. É interessante notar que esses mesmos indícios adquirem diferentes valorizações ao longo do processo, mudando de acordo com as expectativas que elas têm em cada momento.

Nas primeiras semanas, elas desejam que as crianças aceitem e solicitem seu(s) colo(s). Gradualmente, passam a valorizar a autonomia das crianças preferindo que fiquem menos tempo em seu colo. Ou seja, enquanto no início do processo a aceitação do colo é vista como algo positivo – como no recorte acima quando a educadora Mirtes fala de sua surpresa e encantamento ao ver Veridiana aceitando seu colo–, em torno da quarta semana, quando todas as crianças já estão freqüentando a creche, essa mesma reação de aceitação do colo parece ser menos valorizada que as ações de autonomia das crianças.

Em nossa cultura, o colo é visto como uma forma de carinho e de amparo. Todavia, a educadora não consegue manter todas as crianças ao mesmo tempo no colo. Para desenvolver mais facilmente seu trabalho, a partir do momento que nota o estabelecimento de um certo vínculo afetivo com a criança, a educadora começa a mudar suas atitudes e valorizar comportamentos mais autônomos, como brincar com outras crianças, brincar sozinha, dormir sem a necessidade de ser embalada, dentre tantos outros.

Entretanto é importante considerar que, além de facilitar o atendimento coletivo das crianças, o aumento gradativo da autonomia das crianças é um dos princípios norteadores da creche investigada, o que também influencia na mudança que os diferentes indícios têm ao longo do processo.

É interessante ressaltar que as educadoras estabelecem uma forte relação entre o sucesso do processo de inserção e a aceitação inicial da criança (e de sua mãe) de sua aproximação e dos cuidados oferecidos. O sucesso de seu trabalho depende da aceitação, pela criança, da educadora responsável. Tendo isso garantido, torna-se mais fácil desenvolver as atividades cotidianas de sono, banho, troca, alimentação... (incluídas no terceiro conjunto temático). Para assim, pouco a pouco, introduzir mudanças na rotina inicial da criança aproximando-se cada vez mais da proposta de um atendimento coletivo, diferente daquele oferecido pela família.

Em torno da décima semana as educadoras já referiam com bastante frequência os indícios positivos de adaptação das crianças, levando-nos a acreditar que algum tipo de relacionamento afetivo positivo já tinha sido construído.

3. Inserção na rotina da creche

Mércia_ (...) *ai eu mesmo tentando fazer ele dormir eu não consegui, nenhum dia, nesses quatro dias eu não consegui.(...).*

1ª semana do processo 1ª semana de LUÍS (5 meses) na creche

Maria_ *Tá mamando também, (...) ela tá mamando mamadeira. Mama na mãe, mama mamadeira, ela tá, ela tá no embalo, ela come frutinha, janta também, almoça, janta, papinha né.*

6ª semana do processo 6ª semana de NICE (5 meses) na creche

Vanessa_ *Bom, o Dirceu ele... ele antes dormia no carrinho, agora já não dorme mais. A gente já coloca ele no colchãozinho, pra dormir. Não precisa nem ninar. Ele já dorme sozinho.*

10ª semana do processo 8ª semana de DIRCEU (12 meses) na creche

O terceiro conjunto está subdividido em dois: *Padrões de sono* (26%) e *Hábitos alimentares* (20%). Ambos contêm indícios relacionados à realização das atividades nos horários esperados, dentro de uma determinada rotina. Por exemplo: dormir ou não; dormir no carrinho; dormir agitado; demorar a dormir; solicitar a presença da educadora para dormir; dormir/acordar tranqüilo; dormir/acordar sozinho; recusar ou aceitar a mamadeira; não comer; não beber; comer bem, dentre outros.

Comparando-se os dois subconjuntos é possível notar que, com exceção das crianças menores que estavam sendo amamentadas, os indícios positivos presentes na rotina de alimentação aparecem com maior frequência antes do que os de sono. O mesmo ocorre após o período de afastamento provocado pela greve, apenas indícios negativos relacionados ao sono persistem por mais tempo.

O sono parece ser uma atividade mais sensível a mudanças do que a alimentação. É provável que isso ocorra por dois motivos. O sono é um momento de relaxamento, mais íntimo, onde a criança entra em contato com seu cheiro (e no caso daqueles bebês que ainda dormem no colo, com o cheiro da mãe também), com seus objetos preferidos como, por exemplo, travesseiro, paninho, bichinhos, etc.. Na creche, a criança está num ambiente

estranho, longe das figuras e das coisas que conhece e/ou está acostumada a dormir, dificultando o sono.

Por outro lado, e em segundo lugar, a alimentação é uma atividade mais social, (AMARAL, MORELLI, PANTONI; ROSSETTI-FERREIRA, 1997). Além disso, é uma das atividades que mais sofre modificações ao longo do desenvolvimento. Por exemplo, à medida que vai crescendo a criança muda do leite para a papinha peneirada, a fruta raspada, a comida amassada. Aos poucos a comida de sal vai sendo inserida, respondendo às necessidades das diferentes faixas etárias. Assim sendo, as reações das crianças diante das constantes mudanças presentes na rotina de alimentação podem não funcionar como indicativos de “não adaptação”.

A formação de educadores

Revedo os dados obtidos nesta pesquisa, feita com educadores bem formados e que trabalham em uma instituição que procura garantir a qualidade do atendimento, verificamos alguns aspectos que deveriam ser pontuados e que poderiam ajudar na formação de outros educadores.

O primeiro mês do processo investigado mostra-se o período mais crítico. Após poucas semanas as educadoras começam a avaliar que as crianças estão bem integradas à creche, seguindo novos horários e hábitos para comer e dormir, principalmente, aproximando-se cada vez mais da rotina proposta pela creche. Elas também referem com frequência mudanças no estado de humor das crianças, que passam a chorar menos – uma das linguagens melhor desenvolvidas entre crianças de 0 a 2 anos. Além disso, as crianças começam a aceitar a aproximação das educadoras, e brincam mais entre si e com os objetos da sala.

A conquista da confiança dos pais interfere positivamente no processo de inserção da criança. Este é o primeiro passo para o sucesso do processo de inserção da criança, influenciando na aceitação inicial da criança da aproximação e dos cuidados oferecidos pela educadora responsável.

A introdução de novos hábitos e modos de cuidado na vida da criança pode nela provocar estranhamentos, e a construção de uma relação afetiva positiva torna-se um aspecto importante para a introdução de mudanças em sua rotina primeira, a que tinha antes

de entrar na creche. Ela permite que o processo transcorra de uma forma mais tranqüila e agradável, tanto para a criança quanto para o educador.

Além disso, a redução da presença do comportamento de choro enquanto um indício de “não adaptação” à instituição permite que o educador sinta-se mais à vontade para interagir com a criança e introduzir as novidades propostas pela creche. Apenas as crianças pequenas, que tinham em torno de 5 meses de idade na pesquisa e que ainda estavam sendo amamentadas, demoraram mais para integrar à nova rotina de alimentação e de sono, provavelmente por serem atividades intimamente ligadas nesta faixa etária.

Após dez semanas, a maioria das crianças é avaliada como estando bem na creche, apesar de haver exceções devido a diferenças individuais.

Apesar das semelhanças apontadas na pesquisa, nota-se que o processo de inserção da criança (e sua família) à creche é bastante amplo e complexo caracterizando-se por envolver uma série de “adaptações” que vão acontecer continuamente no decorrer da interação creche-família.

Analisando-se os dados apresentados nesta pesquisa, verifica-se que a formação do educador pode influenciar sobremaneira a evolução do processo de inserção, tornando-se elemento fundamental para a concretização de um atendimento de qualidade.

Uma boa formação implica em um investimento contínuo e persistente, em serviço, para o desenvolvimento de habilidades como, por exemplo, planejamento e observação das atividades, detecção de mudanças no comportamento das crianças e das famílias, reflexão, busca de novos conhecimentos, dentre outros. Além disso, inclui também a formação prévia, obtida em escolas média e/ou superior (BRASIL, 1996).

A nosso ver, uma creche preocupada com a qualidade tem como um de seus objetivos investir continuamente na formação de seus funcionários, além de incentivá-los a buscar formação fora da instituição, e possibilitar-lhes uma reflexão contextualizada das informações recebidas.

Dessa forma, um educador que está preocupado em desenvolver atividades de cuidado/educação de boa qualidade, que é capaz de observar, refletir e planejar suas ações, que busca estabelecer uma relação tranqüila com a criança e sua família, torna-se peça fundamental para o oferecimento de um atendimento de qualidade.

O conhecimento dos indícios aqui apresentados pode ajudar outros educadores a refletir sobre o processo de inserção das crianças e suas famílias à creche, intrumentalizando-os em suas observações e no acompanhamento e recepção das mesmas. Possibilitando-lhes, assim, a elaboração de um planejamento mais adequando em função das necessidades e do desenvolvimento do processo.

Entretanto, para que tudo isto tenha sentido, para que cada um dos indícios funcione enquanto tal e da forma como apresentamos aqui, é fundamental que a creche esteja aberta à entrada dos pais, freqüentando o mesmo espaço que os filhos (especialmente nos primeiros dias) e participando de sua rotina. É fundamental que o processo de “adaptação” seja fruto de uma construção conjunta entre creche, família e criança. Assim poderemos construir e colaborar com a oferta de um atendimento de qualidade, uma conquista necessária na prática e um direito já previsto em lei (BRASIL, 1988).

Referências Bibliográficas

AMARAL, M. F.; MORELLI, V.; PANTONI, R. V.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C. Alimentação de bebês e crianças pequenas em contextos coletivos: Mediadores, interações e programações em educação infantil. Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano - **CDH**. v.6, n. 1/2, p. 19-33, 1997.

ELTINK, C. F. **Indícios utilizados por educadores para avaliar o processo de adaptação de bebês a uma creche** Ribeirão Preto, 1999. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

BRASIL **Constituição da República Federativa do Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1988.

BRASIL Leis, Decretos. Lei n.º 9394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, 20 de dezembro de 1996.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C., AMORIM, K., e SILVA, A.P.S. Uma perspectiva teórico-metodológica para análise do desenvolvimento humano e do processo de investigação **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 1999, no prelo.

VITORIA, T.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C. Processos de adaptação na creche. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo n. 86, p. 55-64, 1993.